

LER, ESCUTAR, CONVERSAR: A LITERATURA POTENCIALIZANDO VIDAS

Marcela Afonso Fernandezⁱ
Bianca Dias de Souzaⁱⁱ
Yasmim da Silva Borges Ferreiraⁱⁱⁱ
Maria Luíza Almeida de Souza^{iv}

Resumo: Este relato de experiência brota dos caminhos em ciranda vividos pelo *Ler e Compartilhar: práticas de formação solidária*, projeto de extensão realizado na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Nesse percurso, criamos espaços-tempos que evocam a arte do encontro e da leitura, nos quais a presença, a escuta e a conversa, em consonância com a realidade pandêmica, habitam o mundo virtual, desvelando complexidades e fortalecendo subjetividades. Nossa liga é a literatura, que nos provoca, atravessa e desloca. Inspiradas principalmente em Freire (2000), hooks (2017), Larrosa (2014, 2018), Skliar (2018, 2019a, 2019b) e Andruetto (2012), buscamos, assim, despertar a imaginação e ampliar sentidos e vozes, nutridas pela palavra poeticamente potencializadora de vidas, em liberdade.

Palavras-chave: Leitura Compartilhada; Literatura; Escuta; Conversa.

READ, LISTEN, CONVERSATION: LITERATURE EMPOWERING LIVES

Abstract: This experience report is born from the circle paths provided by *Ler e Compartilhar (Reading and sharing)*: supportive training practices, an extension project at the Federal University of the State of Rio de Janeiro (UNIRIO). In this path we create time spaces that evoke the art of meeting and reading, in which presence, listening and conversation, in accordance with the pandemic reality, inhabit the virtual world, unveiling complexities and strengthening subjectivities. Literature is our bonding, which provokes, crosses and moves us. Mostly inspired by FREIRE (2000), HOOKS (2017), LARROSA (2014, 2018), SKLIAR (2018, 2019a, 2019b) and ANDRUETTO (2012), we seek, then, to awake the imagination and expand senses and voices, nourished by the word poetically empower of lives, in freedom.

Keywords: Shared-reading; Literature; Listening; Conversation.

Palavras inscrevendo corpos

As palavras fertilizam o encontro. Indagam e revolvem, acordam e desordenam, assombram e dilatam. Uma conversa é tramada. Primeiro dentro, exalando os sussurros da vida, que eclode. Depois, conjugando o verbo poetar, transborda em uma ciranda de silêncios e vozes que bailam, entre o vivido e o sonhado, sem mapas e bússolas.



2021 Fernandez; Souza; Ferreira; Souza. Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.

Livres de “para quês”, cultivamos a arte de “*estar juntos entre identidades e diferenças*” (SKLIAR, 2019a) entrelaçadas(os) pela literatura, narrada em prosa e verso. Conceição Evaristo, Manoel de Barros, Mia Couto, Adélia Prado, Paulo Leminski e, quem pedir passagem, nos convidam a penetrar no reino das palavras, percorrendo suas dobras e fendas.

(...)
Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?
(ANDRADE, 2004, p. 187)

Convivendo com ares de impermanência e tudo que ela abriga, brisas, redemoinhos e ventanias, o Projeto de Extensão *Ler e Compartilhar: práticas de formação solidária* cria *espaçostempos* de entrega, do aprender coletivamente e da criação (ALVES, 2001) para celebrarmos a experiência do instante (SKLIAR, 2019b, p. 49), entre escutas, espantos e deslocamentos, nutridas(os) pelo gesto-ato de ler em voz alta.

a suavidade e o caos
perpassam meu corpo na mesma sintonia
você mostra
e eu me decido
borboleta ou búfalo
(LEÃO, 2019, p. 47)

A palavra alada chega “*pelo que diz, mas também pelo que não diz, pelo que nos diz e pelo que diz de nós*” (ANDRUETTO, 2012, p. 55), instaurando mundos paralelos, territórios nunca ou pouco explorados, para habitarmos o mistério. Ao suspendermos o tempo, nos reconhecemos seres errantes, atravessadas(os) por incompletudes, que juntas(os), somos mobilizadas(os) a viver, sentir, quiçá, transformar.

Nessa experiência do agora, percebemos que nem todos os caminhos e rumos devem ser traçados de antemão. Planejamos, abertas ao que simplesmente pode nos acontecer. Ao enveredarmos passo a passo pelas vias literárias, sem qualquer linearidade, captamos a beleza que há na espontaneidade gerada por diferentes pessoas, que sopram suas experiências entre montanhas, encostas, flores, dores, sabores, espinhos, ecos, silêncios, estrondos e refrigérios cotidianos.

Caminhante, são teus passos
o caminho e nada mais;
caminhante, não há caminho,
se faz caminho ao andar
(MACHADO, 2006)

A literatura é a liga que nos une pelo curso humano da conversa sobre “*o que faremos com o mundo e com nossas vidas*” (SKLIAR, 2019a, p.16). Em plena travessia de uma pandemia que nos isola, amedronta e fragiliza, ensina a importância da arte que “*existe, porque a vida não basta*” (GULLAR^v, 2010), nos atenta para a necessidade da reinvenção de nós mesmas(os) e de nossas práticas, e, conjugada com a pausa para o pensamento, ecoa que a vulnerabilidade pode também impulsionar a força humana. Nesse percurso, tecemos manhãs que se elevam em meio a potências e possibilidades.

Tecendo a manhã

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.
E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.
(MELO NETO, 2008, p. 219)

O que parecia impossível, se torna respiro e refúgio: um círculo de leitura numa sala virtual. Às vezes, entrecortada por quedas de conexão, latidos, sirenes, vozes outras, migramos para uma rede composta de telinhas, num fluxo longe-perto contínuo que conecta presenças. A literatura segue abrindo picadas, sendo passaporte para o dentro e, paralelamente, vínculo com o todo, em sinergia.

Compreendendo a literatura como capaz de abrir
um diálogo subjetivo entre o leitor e a obra,
entre o vivido e o sonhado,
entre o conhecido e o ainda por conhecer;
considerando que este diálogo das diferenças –

inerente à literatura –
nos confirma como redes de relações (...)
(QUEIRÓS, 2014, p.132)

Nos tempos incertos e difíceis que vivemos, é possível fomentar a Educação pela palavra poeticamente cultivada e pela imaginação criadora como condição de ou para liberdade? Podemos acender o fogo divergente, curioso e independente desse “*mar de fogueirinhas*” (GALEANO, 1997, p. 13), crianças, jovens e adultos, pelos fios da literatura? É possível criar uma “*igualdade à primeira vista*” (SKLIAR, 2019a, p. 26) para vivermos juntas/os a experiência de “*se pensar pensando o mundo*” (YUNES, 2002, p. 25) pelo gesto-ato de convidar a ler?

Palavras enredando desejos

A leitura literária nos acalenta e inquieta. Em um vaivém incessante, aguça relações, afetos, partilhas, (re)criações, acontecimentos. Mesmo em tempos vividos com sensações que *andam na corda bamba*, (re)encanta, fomenta o sensível, o espontâneo e desperta o desejo de ser eterno aprendiz.

A alegria do encontro transpira o entusiasmo “*pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros*” (hooks, 2017, p. 17), entre as tramas das palavras. Experiência em que vibramos *aión*, tempo da arte, da presença e da entrega (KOHAN, 2019, p. 132), livre de burocratizações e amarras, tempo de convidar a nossa criança interior para brincar e bailar. A palavra alça voo, conecta seres e saberes e pausa, repleta de sentidos singulares, no coletivo. Transvê, transpassa, (re)costura e (re)inventa mundos.

Arte não tem pensa:
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo.
(BARROS, 2013, p. 324)

O ato poético de olhar pelos fios da literatura alarga horizontes, anunciando outros caminhos para o *ensinaraprender*, onde a fantasia e a realidade dão as mãos para nos deslocarmos do convencional e do esperado, e degustarmos o desconhecido.

Livros lidos, livros relidos: as páginas parecem fazer surgir palavras que não havíamos visto e desenterrar outras muitas lidas; avançar nos lugares que já compreendemos, permanecer, estáticos, perplexos, na extensão árida do inexplicável e morder e saborear o imprevisível. (SKLIAR, 2019a, p. 95)

Somos mais uma vez inspiradas a conversar com a teoria educativa libertadora de bell hooks (2017), ao propor uma Pedagogia pautada no bem-estar coletivo, que valoriza outros modos de aprender. A partir da prática convidativa de expressão e partilha, professor(a) e ou -aluno(a) confessam e se engajam. Uma aposta e ação que convida a saber sendo, vivendo, experimentando.

A leitura da *palavramundo* (FREIRE, 2000, p. 12), incita erupções e rupturas com ordens e sistemas estabelecidos, que cerceiam a potência do estar junto, para conviver com a alteridade e as fragilidades que dizem de cada um de nós. Nessa trilha, provoca o saber da experiência (LARROSA, 2014), pelas palavras que possuem corpo, nos atravessam e nos humanizam. Presenças convocam presenças (LARROSA; RECHIA, 2018, p. 350), reciprocidades, silêncios, perguntas e respostas sem fim, transformando o gesto-ato de educar em uma rede de sentimentos, alimentada pela imaginação e o desejo de inaugurar o impensado.

Como fazer na simplicidade de ser

No início da pandemia, o tempo suspenso nos fez repensar e reinventar os caminhos do *Ler e Compartilhar*. De Março a Junho de 2020, o projeto entrou no casulo. Nos interrogamos: Como tornar o ambiente virtual um convite à leitura literária? Como acolher, afetar e ser afetada/o, mesmo à distância? Em meio a tantos atravessamentos e fragilidades, frutos da pandemia, quem estaria disposta/o a ler, escutar e conversar? Foram muitas as dúvidas, mas uma grande certeza: a de que a literatura é um refúgio que enreda presenças, fazendo durar o agora e a leitura “*para tudo e para nada*” (SKLIAR, 2019a, p. 93).

Migramos dos *espaçostempos* presenciais (biblioteca e salas de aula) para a sala da plataforma *Google Meet*. Considerando esse novo ponto de encontro, passamos a pensar na liga que nos une: a literatura. Reinventamos os roteiros dos textos que norteiam as leituras compartilhadas, diversificando temas (liberdade, esperança), escritoras/es (Clarice Lispector, Mia Couto), gêneros literários (contos, poesias, haicais, fragmentos de romances etc.) e linguagens (músicas, vídeos, *lives*, obras de arte, imagens). Nossas escolhas partiram do *Revista Interinstitucional Artes de Educar*. Rio de Janeiro, V. 7, N. 1 - pág. 511-521 janeiro-abril de 2021: "Pedagogias Vitais: Corpo, Desejo e Educação" DOI: 10.12957/riae.2021.54903

que nos acontecia, transformando a literatura num caleidoscópio de cores, sensações e sentidos variados.

Ainda imersas em incertezas, retomamos o contato por *e-mail* e pelas redes sociais do projeto (*Facebook* e *Instagram*) com nossas/os leitoras/es: estudantes do Curso de Pedagogia e licenciaturas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), pesquisadoras(es) e público em geral. As tramas da leitura literária nos moveram e lançaram no desconhecido.

Na sala do *Meet*, a leitura, prática que se aproxima da atmosfera das primeiras comunidades humanas que narravam suas histórias em roda, manteve a simplicidade de ser a partir do convite para dar a ler. De Julho de 2020 em diante, uma vez por mês, passamos a nos encontrar nesse ambiente marcado por telas, microfones e câmeras, nem sempre ligadas. Aos poucos, cada voz foi ocupando esse *espaçotempo* inspirada pela leitura sentida e partilhada por cada uma de nós.

Tudo começou pelo encontro entre pessoas singulares movidas pelo desejo de estar juntos para, assim, fazer coisas juntos (SKLIAR, 2019a). A conversa, nutrida pela literatura, acordou a *humanessência* (COUTO, 2009) de cada um/a, revolveu memórias, desvelou sentimentos, ampliou percepções, inaugurando uma nova trilha para o projeto.

A leitura solidária se apropriou do virtual e transformou o quadrado da tela em um círculo. Para um grupo de, em média, dez participantes, compartilhamos, enquanto leitoras-guia, as linguagens advindas da literatura, sejam pelos textos lidos em voz alta, ou projeções de imagens/vídeos e até mesmo expressões faciais e gestos. Ainda que fisicamente distantes, semeamos a arte do encontro e da (re)existência em grupo.

O despertar da narrativa interior das/os ouvintes/participantes teve como ponto de partida microfones ocasionalmente abertos, comentários no chat e leituras de poemas e trechos de livros que, sem combinar, ecoavam espontaneamente. Os sentidos, antes registrados nas folhas que distribuíamos ao final dos encontros presenciais, deslocaram-se para o *Google Forms*. As/os leitoras/es, ao final, escreviam as ideias, pistas, rastros e palavras que o vivido despertou e evocou.

Pelos relatos, percebemos que a literatura continuou a florescer. Mesmo em tempos de aridez e desequilíbrios, foi janela de esperança. Desaguou nas escritas das/os leitoras/es o encantamento, a criação, ousadia e liberdade. Sopros literários estremeceram as superfícies dos aparelhos eletrônicos, aguçaram sensações e reacenderam os desejos de estar juntas/os criando, aprendendo e ensinando. Chegamos ao espaço virtual timidamente, tateando, buscando conhecer esse novo universo repleto de incertezas. Mas ainda bem que chegamos, *Revista Interinstitucional Artes de Educar*. Rio de Janeiro, V. 7, N. 1 - pág. 511-521 janeiro-abril de 2021: "Pedagogias Vitais: Corpo, Desejo e Educação" DOI: 10.12957/riae.2021.54903

apostamos e nos lançamos de corpo e alma, pois as falas potentes das/os leitoras/es e as surpresas foram momentos extremamente únicos, de sentir o calor da troca, dos entendimentos e de estar no coletivo, apesar da distância enorme.

Ao final do círculo, quando a sala enfim esvaziava, restávamos nós e os suspiros, um sentimento forte compartilhado por todas pairava no ar, diverso e, ao mesmo tempo singular. Não somente de felicidade e de dever cumprido, mas algo maior do que isso, uma correnteza de potência e, concomitantemente uma leveza ímpar! Motivadas pelas/os leitoras/es, terminávamos a noite, ansiando pelo próximo encontro cheias de ideias. E assim, um mês se passava diante dos nossos olhos como um segundo, até o próximo círculo de leitura.

Contranarciso

em mim
eu vejo o outro
e outro
e outro
enfim dezenas
trens passando
vagões cheios de gente
centenas

o outro que há em mim
é você
você
e você
assim como
eu estou em você
eu estou nele
em nós
e só quando estamos em nós
estamos em paz
mesmo que estejamos a sós.
(LEMINSKI, 2013, p. 32)

As intensidades experienciadas a partir da prática, gestaram reflexões, movimentos e deslocamentos na rota e trilha de nossas vidas e do Ler e Compartilhar. Um projeto que sempre se mobilizou a convidar ao encontro de um corpo com outros corpos. De uma voz que partilha com outras vozes. De uma língua que fala e é atravessada por outras falas. De cabeças que pensam porque são capazes de sentir. Nesse *espaçotempo*, resgatamos a ancestralidade do coletivo, trançando os nós das semelhanças e diferenças que nos unem. A literatura em suspensão, transpassou atualmente as telas, tocando corações e semeando o sentido que nos enreda com o mundo a partir da filosofia Ubuntu (NASCIMENTO FLOR DO, 2016): “*Eu sou porque nós somos*”.

Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 7, N. 1 - pág. 511-521 janeiro-abril de 2021: "Pedagogias Vitais: Corpo, Desejo e Educação" DOI: 10.12957/riae.2021.54903

Palavras potencializando vidas

Nesse círculo encantado, as palavras sentidas pela leitura compartilhada restituem o ritmo original do coração (PETIT, 2009, p. 63) e movem conversas enredadas por vozes diversas. Construimos pontes educativas muito além das demandas e tarefas, pois elas envolvem complexidades e, ao mesmo tempo, singularidades. Nesse *espaçotempo* habitável buscamos “*provocar novas desordens do pensamento, na percepção, na linguagem e na sensibilidade e promover destinos que nunca estão traçados de antemão*” (SKLIAR, 2019a, p. 18). Saímos dos centros de nossas existências, vivemos o acontecimento em seu rumo incerto e forjamos uma arte de viver poética.

Não me deixem tranquilo
Não me guardem sossego
Eu quero a ânsia da onda
O eterno rebrantar da espuma
(...)
(COUTO, 2016, p. 105)

No momento em que colocamos em prática, como seres singulares, a autonomia de se pensar pensando o mundo, a “*educação libertadora, que liga a vontade de saber à vontade de vir a ser*” (hooks, 2017, p. 32) expande horizontes, nutrida pela artesanaria da conversa. Nesse bordado multicolorido, entremeado por acolhimento, intimidade e cumplicidade, cada leitor(a) ergue sua voz para dentro ou para fora, “*para tudo e para nada*” (SKLIAR, 2019a, p. 93) pela conversa, inscrevendo-se.

Uma conversa é, essencialmente, um gesto pedagógico, à medida que educar pode ser compreendido como o modo de conversar a propósito do que faremos com o mundo e com a vida, o que farás de melhor com o mundo e como te tornarás responsável por tua vida. (SKLIAR, 2018, p. 12)

A *palavravida* banhada pela literatura nos transporta para diferentes tempos, lugares, histórias e modos de pensar e entender essa trama chamada vida. Possibilita ainda que, mesmo longe, através de uma tela de computador ou celular, sintamos a conversa como ressonância em cada um de nós (IDEM, 2018, p. 12), impregnadas(os) pelo imaginado, o sonhado e o vivido.

Escutar, assim como ler, tem que ver, porém, com a vontade e com a disposição para aceitar a palavra dos outros em toda sua complexidade, isto é, não só aquilo que esperamos, que nos tranquiliza ou coincide com nossos

sentidos, mas também o que diverge de nossas interpretações ou visões de mundo. (BAJOUR, 2012, p. 24)

A conversa flui, não apenas para dizer o que se pensa acerca dos textos lidos ou fatos experienciados, mas para ressoar silêncios. Palavras escondidas, palavras reprimidas, palavras escritas e, em muitos momentos, não-ditas. Palavras-sentimentos. Palavras-gestadas. Palavras que corporificam nossos gestos. Palavras que provocam efeitos, sacodem. Palavras que semeiam o sonho da escuta que acolhe e não julga, não submete, não controla.

Os sonhos

Os sonhos foram e foram.
Mas crianças com bocas de fome,
ávidas, ressuscitaram a vida
brincando anzóis nas correntezas
profundas.
E os sonhos, submersos
e disformes
avolumaram-se engrandecidos,
anelando-se uns aos outros
pulsaram como sangue-raiz
nas veias ressecadas
de um novo mundo.
(EVARISTO, 2017, p. 14)

Nas linhas poéticas de Conceição Evaristo vemos o sonho, dentro de uma percepção infantil que alumia a mente e revolve o mar, trazendo de volta à vida. Crianças, como seres curiosos que são, não temem e perguntam, simplesmente ousam e fazem de conta. E ao imaginar, (re)criam, convidando a realidade nua e crua para cirandar. Realidade nem sempre inspirada pelo desejo de sonhar em meio a tantas injustiças. Mas a poesia resgata e convida a alegria, a esperança e a vontade de viver pelos olhos de uma criança. Em um tempo pandêmico, podemos sonhar com uma educação que pulse o coração da infância que nos habita?

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. **Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas**. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de e ALVES, Nilda. *Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p.13-38.

ANDRADE, Carlos Drummond. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 7, N. 1 - pág. 511-521 janeiro-abril de 2021: "Pedagogias Vitais: Corpo, Desejo e Educação" DOI: 10.12957/riae.2021.54903

BAJOUR, Cecilia. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: LeYa, 2013.

COUTO, Mia. **Poemas escolhidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. **E se obama fosse africano? Ensaios**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2009.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro; Malê, 2017.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo; Cortez, 2000.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 1997.

GULLAR, Ferreira. **A arte existe porque a vida não basta**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/flip/noticia/2010/08/arte-existe-porque-vida-nao-basta-diz-ferreira-gullar.html>>. Acesso em: 29 set. 2020.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

KOHAN, Walter. **Paulo Freire mais do que nunca: uma biografia filosófica**. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre a experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen. **P de professor**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

LEÃO, Ryane. **Jamais peço desculpas por me derramar**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

LEMINSKI, Paulo. **Toda Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MACHADO, Antonio. **Poema XXIX: Caminante**. In: Campos de Castilla: Proverbios y Cantares. Cátedra: Letras Hispánicas. Ed. Geoffrey Ribbans, 2006.

NASCIMENTO FLOR DO, Wanderson. **Tecendo mundos entre uma educação antirracista e filosofias afro-diaspóricas da educação**. In: *O ato de educar em uma língua ainda por ser escrita*. Rio de Janeiro: NEFI, 2016.

NETO, João Cabral de. **A educação pela pedra e outros poemas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

PETIT, Petit. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Contos e Poemas para ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

SKLIAR, Carlos. **A escuta das diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2019a.

_____. **Como um tren sobre el abismo o contra toda esta prisa**. Madrid, Espanha: Vaso Roto Ediciones, 2019b.

SKLIAR, Carlos. **Elogio à conversa**. In: *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?*orgs. Tiago Ribeiro, Rafael de Souza, Carmen Sanches Sampaio. Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

YUNES, Eliana. **Leitura, a complexidade do simples: do mundo à letra e de volta ao mundo**. In: Yunes, Eliana (Org.). *Pensar a Leitura: Complexidade*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2002.

ⁱ Doutora em Educação. Professora da Escola de Educação. Departamento de Didática - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9101-7518>.

ⁱⁱ Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). ORCID iD <https://orcid.org/0000-0001-7720-7227>.

ⁱⁱⁱ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-9307-2606>.

^{iv} Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). ORCID iD <http://orcid.org/0000-0003-3914-0898>.

^v Essa afirmação de Gullar está presente em uma entrevista online, pelo portal G1. Disponível em: http://g1.globo.com/pop-arte/flip/noticia/2010/08/arte-existe-porque-vida-nao-basta-diz-ferreira_gullar.html. Acesso em: 29/09/2020.